

# Suplemento Cultural

## Até onde vai a nossa Língua

**JOSÉ PEDRO FRAZÃO** – escritor, secretário da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

O título deste ensaio deveria chamar mais atenção pelo uso adequado do advérbio e menos pelo alcance semântico da relação deste com a preposição, o verbo, o artigo, o pronome e o substantivo, na fecunda interpretação da frase. Mas, todavia, é quase sempre no escuro canal de comunicação que se dá o encontro do emissor com o receptor, entranhados em múltiplos entendimentos da mensagem com livre penetração no imaginário nem sempre divino e prazeroso como na arte literária.

A língua do beijo não é o beijo da língua, mas o sobejo vernáculo traído pelo ósculo da hipocrisia linguística que, por incapacidade de enriquecer as distintas correntes idiomáticas, opta por fragilizar uma, achando que se vai melhorar a outra. É o eterno e arriscado confronto entre norma culta e coloquialismo, cada vez mais a mercê dos apedreiros e dos famigerados piratas da linguagem.

A Língua Portuguesa na sua bela versão brasileira não é mero produto do acaso, mas da viva mutação cultural que, ao longo dos séculos, faz nascer do costume a própria lei que a sustenta e a identifica. É assim desde o seu nascimento nos jardins do Lácio, quando a plebeia latina Flor Vulgar rompeu mares e mundos camonianos para desabrochar grandiosa, culta e bela.

Atualmente, no Brasil, a preocupação em reduzir a distância entre a língua que se fala e a que se escreve tem desafiado estudiosos, sobretudo, os sociolinguistas. Mas é a permissividade empobrecedora do vernáculo – já avariado pelos bárbaros galicistas e literóforos – que verbaliza o modismo violentador de padrões que adentra as escolas, rotulado de alvêdrio aniquilador de preconceitos linguísticos.

Sob a alegação contraditória de que não se pretende ensinar a norma popular [aprendida em casa e na rua], mas apenas criar vínculos sociais, o Ministério da Educação extrapola



**PROFA. GLORINHA E MANOEL DE BARROS** – ícones regionais da língua portuguesa brasileira, ela como mestra pioneira, ele como poeta genial

suas prerrogativas e acaba de adotar, transgressiva e impositivamente, para o ensino de jovens e adultos o livro didático “Por uma vida melhor”, que dedica um capítulo à defesa da linguagem oral como instrumento normativo. O pretexto da inovação, compreendido e justificado apenas do ponto de vista psicológico, é desinibir agentes da fala e aprendizes da escrita [ditos vítimas do constrangimento gramatical], mas acaba incentivando a crescente negligência e a criminalização da norma culta, cujo desleixo só se pode combater com o ensino zeloso da Língua Portuguesa no âmbito escolar.

A proposta é, de certa forma, redundante porque o debate sobre a variedade de linguagem, desde a antiga gíriática até a moderna internética, já está presente na escola, sendo respeitada e abordada na transversalidade do currículo como acessório dialetal do estudo comparativo entre a forma popular e a norma culta. Mas, também, a associação meramente política entre essas variantes, através da violação morfosintática [que logo se estenderia à prosódia e à ortoépia] não é construtiva ao ensino e à reputação da Língua Pátria, que tanto preserva a beleza dos diversos falares, quanto se protege da vulgaridade que aos poucos se pretende oficializar.

É verdade que o idioma nacional, que tanto

“

A Língua Portuguesa na sua bela versão brasileira não é mero produto do acaso, mas da viva mutação cultural que, ao longo dos séculos, faz nascer do costume a própria lei que a sustenta e a identifica”

nos orgulha, veio do Latim vulgar, mas evoluiu e chegou ao esplendor que encanta o mundo pela sua riqueza lexical, para nunca mais vulgarizar-se literalmente. E ideias como a do livro “Por uma vida melhor” [mesmo título da comédia do cineasta americano Sam Mendes, sobre responsabilidade social], com certeza, além de não melhorarem a vida de ninguém, só podem confundir e piorar os paradigmas linguísticos, aumentando a ignorância e o desprezo pelo estudo da norma culta, de tal modo que o infausto livro poderia muito bem chamar-se “Por uma Língua Pior”.

Além de se levar em conta que o MEC não tem autoridade determinante sobre a estrutura da Língua Nacional e considerando a boa intenção que leva pesquisadores a buscarem meios de amenizar o choque entre as diversas formas de expressão, vemos que é mais inteligente e adequado consertar o que falta do que destruir o que resta, ou deixar cada uma seguir a sua lei.

‘Aonde vai a nossa Língua’, saberemos amanhã. Mas, hoje, ela vai fundo até a fronteira de suas variantes, promovendo rica e harmônica convivência entre as formas culta e vulgar, sem, no entanto, confundi-las e despojá-las de suas vitais peculiaridades que tanto a enriquecem.

## O FUTEBOL ARTE DO CRAQUE WILSON

(O inesquecível meia-armador do Operário F.C.)

**REGINALDO ALVES DE ARAÚJO** – escritor, cronista/romancista, ex-presidente da ASL

Nascido no populoso e requintado bairro do Meier, encostado ao Maracanã, o maior estádio do mundo, no Rio de Janeiro, no dia 13/04/1953, ali cresceu WILSON Mello de Oliveira, carioca da gema.

Iniciou seus estudos na Escola Estadual Manoel Bonfim, do Meier. Transferiu-se para a Escola Barcelo Costa do Meier onde, com distinção, concluiu o ginásio e o segundo grau. Mais tarde, já atleta famoso do futebol, diplomou-se no curso de Educação Física pela Faculdade Castelo Branco do Rio de Janeiro. Com ele também foram diplomados os craques Zico, Edu, Jair Pereira e o árbitro Luís Carlos Félix.

WILSON aprendeu a arte de jogar futebol na quadra do E.C. Mackenzie, no Meier, como atleta do futebol de salão. Disputou o Campeonato Carioca da modalidade pelo E.C. Mackenzie. Apontado como revelação foi levado, aos 16 anos, para o América F.C. onde, ao lado do futuro craque Pintinho, disputou e ganhou o título de campeão do Campeonato Estadual do Rio de Janeiro de Futebol de Salão do ano de 1969. Estava para completar 17 anos quando recebeu o convite para jogar futebol de campo no Manufatura F.C., time carioca da 2ª Divisão. Topou. Sagrou-se campeão carioca da categoria em 1970.

Na entrada de faixas de campeão WILSON deu um “baile” no time profissional do Bonsucesso do Rio, sendo, de imediato, assediado pelo treinador Amaro que, com poucas palavras o convenceu a envergar a jaqueta do Bonsucesso. Já na equipe estavam os craques Jair Pereira e Nilson. Wilson, assumindo a condição de titular, disputou o Campeonato Carioca de Profissionais pelo Bonsucesso, de 1974 a 1978.

Em 1975, emprestado, disputou o Campeonato Brasileiro pelo Vitória do Espírito Santo, e no ano de 1976 seguiu com o Bonsucesso para a Espanha ganhando, com



**WILSON Mello de Oliveira**, que ora nos deixa com saudade...

brilantismo, o título de vice-campeão do tão cobiçado Torneio La Corunha, em Madri.

Em 1979 o renomado técnico Telê Santana, da Sociedade Esportiva Palmeiras, de São Paulo, solicitou a sua contratação. No Parque Antártica juntou-se aos cracões Jorge Mendonça, Pedro Rocha, Marinho Peres, César, Baroninho, Pires e ao legendário Ademir da Guia (o Divino). No ano de 1980 disputou o Campeonato Paulista e o

Campeonato Brasileiro de Futebol, desta feita sob o comando técnico de Oswaldo Brandão. No início de 1981, vendido ao Santa Cruz, WILSON disputou e sagrou-se vice-campeão do Campeonato Pernambuco de Futebol, ao lado de Dadá Maravilha.

O Paisandu do Pará, em 1982, comprou o seu passe e, nesse mesmo ano, ergueu a taça de Campeão Paraense de Futebol. Ainda em 1982, no segundo semestre, foi vendido ao bom time da Ferroviária de Araraquara, no interior paulista.

Aqui em Campo Grande, buscando o fortalecimento do Operário Futebol Clube, o Técnico Castilho (o melhor treinador que já passou pelo “GALO”) foi, juntamente com Irineu Farina (Diretor de Futebol), buscar o brilhante meia armador WILSON em Araraquara, em 1983. Neste ano, WILSON, abraçado aos companheiros, comemorou o título de Campeão Sul-Mato-Grossense de Futebol. Também pelo “GALO” disputou a Taça de Prata (competição a nível nacional). No ano seguinte, por causa de um pequeno desentendimento, foi emprestado ao CAD (Clube Atlético Douradense), ganhando o título de vice-campeão estadual.

De volta ao Operário em 1985, sagrou-se campeão do Campeonato Sul-Mato-Grossense de Futebol. Em 1987 resolveu jogar no Taveirópolis F.C. e, no mês de agosto casa-se com a bela morena campo-grandense Sandra Maria Silveira Nantes. Desta união veio ao mundo o garoto Wilson Nantes de Oliveira. Em setembro de 87 encerra a carreira de jogador de futebol no Aquidauanense F.C., de Aquidauana. Ainda treinou o Aquidauanense F.C. por um ano.

WILSON, após cessar as suas atividades esportivas, de 1988 a 1998, trabalhou como Assistente da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul.

Wilson Mello de Oliveira faleceu recentemente em Campo Grande, provocando um luto sofrido nos desportistas de Mato Grosso do Sul.

### POESIA

#### PELA SEMANA DA ‘CONSCIÊNCIA NEGRA’

##### I – AO REI ZUMBI

Faz-se verde e amarelo pelos ares  
A negra liberdade dos Palmares!  
Zumbe eterno, na terra onde eu nasci,  
O canto de vitória de Zumbi!

Que jamais sua raça em dor se zangue,  
Que só glórias se pintem com seu sangue...  
Pois que Deus, numa prece inconsciente,  
Também em sangue tinge o sol nascente!

Zumbi! Tu desfaldaste os ideais  
Nos mais etéreos dos perenes mastros...  
E a raça negra à Humanidade faz

Qual o negro infinito à Natureza:  
O pálio negro é que dá vida aos astros,  
Genes negros nos dão vida e beleza!

##### II – EFÊMERA ILUSÃO

Na pele negra a marca da injustiça  
Cravada n’alma a fogo e preconceito...  
Tanta alegria, tanto amor cobiça,  
Mas só dor, fome e mágoa há no seu peito!

Vem... chega o Carnaval! Todo se aticha  
E explode nele um homem satisfeito...  
Samba com branca, negra e com mestiça,  
A um reino de igualdade vê-se eleito!

Três dias em que vive num harém  
De ardentes colombinas tão amado...  
O mundo é justo e gente ele é também,

Três dias vai durando o seu reinado;  
Trezentos e sessenta e dois, porém,  
Volta a ser pobre negro injustiçado!

#### GERALDO RAMON PEREIRA

## UM SALTO PARA DENTRO DA LUZ

#### PAULO CORRÊA DE OLIVEIRA

No dia 24 de janeiro, anos atrás, um dia depois do aniversário do ator Rubens Corrêa que faria nesta data oitenta anos de idade, o escritor e dramaturgo Sérgio Fonta fez o lançamento, no Rio de Janeiro, de seu livro: “Um salto para dentro da luz” (\*).

Nessa substanciosa obra (600 páginas) ele consegue trazer, com clareza e emoção, a trajetória de um dos maiores atores do teatro brasileiro.

Sérgio Fonta revela a luz que irradiava desse ator, nascido às margens do rio Aquidauana, em Mato Grosso do Sul. Numerosas e interessantes fotografias ilustram sua obra. Ele mergulha com profundidade, e também com extrema sensibilidade, na obra, na vida, e na luz irradiante que envolveu a personalidade desse grande ator.

É significativa a dedicatória que Sérgio Fonta faz ao ator Rubens Corrêa:

“Meu caro e querido amigo, espero ter conseguido ser fiel ao seu generoso mosaico humano e possa filtrar, nestas páginas, pelo menos parte da imensa luz que você significou para os que tiveram o privilégio de sua convivência, para seus colegas e admiradores. Viva seu trabalho incansável, refinado e apaixonado. Viva tudo o que você representou e dignificou no teatro brasileiro. Não foi pouco. Viva você!”

No primeiro capítulo, que tem por título “Postal de Aquidauana”, Sérgio Fonta focaliza a cidade natal de Rubens Corrêa e as influências que o levaram a descobrir sua arte. O antigo, e hoje abandonado Cine Glória, surge como o templo dos sonhos de um menino e a fonte primeira das descobertas do seu mundo artístico.

Sérgio Fonta relacionou, de forma organizada, os diversos trabalhos de Rubens no teatro, no cinema e na televisão. Porém, foi além de uma fria biografia, garimpou no meio artístico depósitos preciosos para compor a imagem desse magnífico ator.

Enfim, quem não conheceu o ator Rubens Corrêa poderá fazer uma constatação de sua luminosidade, e talvez numa explosão de emoção, dar “um salto pra dentro da luz”. Quem o conheceu, certamente vai encontrar mais luzes para desvendar facetas dessa existência realmente fascinante.

É um livro para ler e guardar como relíquia.

(\*Um Salto para Dentro da Luz – Sérgio Fonta, Coleção Aplauso – Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.